

Pilão deitado: do cangaço aos terreiros



RESUMO

Pilão Deitado foi um cangaceiro do bando de Antônio Silvino, muito conhecido nos sertões nordestinos, morto em 1901 na cidade de Caicó, estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Seu nome correu mundo e muitos outros cangaceiros e até mesmo sujeitos acusados de crimes, adotaram Pilão Deitado como sendo suas alcunhas. O objetivo central do texto é entender sua trajetória de vida e como após sua morte se tornou um importante mestre na Jurema Sagrada, e para isso foram consultados documentos, como o laudo cadavérico, jornais, cordéis, visita a terreiros de Jurema Sagrada e livros que contam sua trajetória. Trabalharemos a partir das perspectivas lançadas pela História Cultural, História dos Sertões e da História das Religiões. Hoje podemos conversar com Pilão Deitado, o cangaceiro, em terreiros de Jurema Sagrada, através da incorporação em seus médiuns. Pilão Deitado é a prova da não-morte experienciada por alguns desencarnados. Este cangaceiro é um teimoso em não querer desaparecer do mundo terreno, criando assim pontes que ligam o mundo dos mortos ao mundo dos vivos.

Palavras-chave: Pilão Deitado; Não-morte; Cangaço; Jurema Sagrada; Incorporação.

* Pós-Doutor pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Associado IV no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Caicó. Diretor da Trapiá Cia Teatral. Membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões (UFRN/CERES), do GT História: Religiosidade e Cultura/UFSC e do Laboratório de Estudos do Cordel e Recepção (LECORE/UFRN). CV: <http://lattes.cnpq.br/2227836576507822>

Pilão deitado: from cangaço to terreiros

ABSTRACT

Pilão Deitado, a cangaceiro who was a member of Antônio Silvino's band — widely known throughout the sertões of northeastern Brazil — was killed in 1901 in the town of Caicó, in the state of Rio Grande do Norte. His name gained widespread recognition, leading many other cangaceiros and individuals accused of crimes to adopt "Pilão Deitado" as their alias. The main objective of the text is to understand his life story and how after his death he became an important master in the Jurema Sagrada. To this end, documents were consulted, such as the autopsy report, newspapers, chapbooks, visits to Jurema Sagrada temples and books that tell his story. We will work from the perspectives presented by Cultural History, History of the Sertões and the History of Religions. Today, it is possible to communicate with Pilão Deitado, the cangaceiro, in terreiros of Jurema Sagrada through his incorporation into mediums. Pilão Deitado exemplifies the phenomenon of non-death as experienced by certain disembodied spirits. This cangaceiro persistently refuses to disappear from the earthly realm, thereby creating bridges between the world of the dead and that of the living.

Keywords: Pilão Deitado; Non-death; Cangaço; Jurema Sagrada; Spiritual Incorporation.

Pilão deitado: de cangaço a terreiros

RESUMEN

Pilão Deitado fue un cangaceiro de la banda de Antônio Silvino, muy conocida en el sertón nordeste, asesinado en 1901 en la ciudad de Caicó, estado de Rio Grande do Norte, Brasil. Su nombre se extendió por todo el mundo y muchos otros cangaceiros e incluso individuos acusados de crímenes adoptaron Pilão Deitado como apodo. El objetivo principal del texto es comprender su trayectoria de vida y cómo después de su muerte se convirtió en un importante maestro de Jurema Sagrada, y para ello se consultaron documentos como el informe de la autopsia, periódicos, cordéis, visitas a terreiros de Jurema Sagrada y libros que cuentan su historia. Trabajaremos desde las perspectivas lanzadas por la Historia Cultural, la Historia de los Sertões y la Historia de las Religiones. Hoy podemos hablar con Pilão Deitado, el cangaceiro, en Jurema Sagrada terreiros, mediante la incorporación a sus médiums. Pilão Deitado es una prueba de la no muerte experimentada por algunos seres desencarnados. Este bandido se obstina en no querer desaparecer del mundo terrenal, por lo que crea puentes que conectan el mundo de los muertos con el mundo de los vivos.

Palabras clave: Pilão Deitado; No muerte; Cangaço; Jurema Sagrada; Incorporación.



Pilão Deitado: narrativas sobre suas vidas e sua morte

Desde o século XIX, grupos de homens se juntavam nas províncias do Norte, atual Nordeste, por motivos diversos (vingança pela morte de algum parente, miséria causada sobretudo pela seca, descontentamento com as políticas públicas que beneficiavam coronéis e grandes proprietários de terra, criminosos que eram perseguidos pelas forças públicas, entre tantos outros), formando núcleos de cangaceiros que circulavam pelos sertões, enfrentando volantes financiadas pelos governos provinciais e depois estaduais, e pelo próprio governo central. Estes grupos assaltavam cidades e chantageavam coronéis, que muitas vezes se tornavam aliados, e assim conseguiam se manter em movimento abastecidos de víveres, armas e munições. Somente nas primeiras décadas do século XX, mulheres foram aceitas nestes grupos, mas aí já é outra História.

A morte trágica de um cangaceiro, que ocorria sobretudo através de emboscadas das forças públicas de segurança, nem sempre recebeu os devidos cuidados das autoridades policiais, mas um dos casos mais conhecidos nos sertões, que conhecemos atualmente como Nordeste do Brasil, foi a morte de Pilão Deitado, cangaceiro do bando de Antônio Silvino, na cidade de Caicó em 1901.

- 31. *Em tempo declara que deixou-se de*
- 32. *Mensionar o nome, por ser o cadáver*
- 33. *Desconhecido por ser de um grupo de*
- 34. *Cangaceiro, a quem o seu chefe lhe de-*
- 35. *ra a alcunha – Pilão deitado, calculan*
- 36. *do sua idade de vinte e cinco an-*
- 37. *nos, aproximadamente;*¹

O que vemos acima é um trecho do laudo cadavérico escrito e assinado pelo escrivão José Maria Gonçalves Valle no dia 16 de fevereiro de 1901. O referido laudo foi realizado pelos peritos José Daniel Dinis e o Professor Pedro Gurgel do Amaral na residência do delegado de polícia Capitão Ignacio Cicilio Pereira.

Pilão Deitado foi morto pelas forças policiais da Paraíba num embate na Fazenda Pedreira, zona rural da cidade de Caicó, no estado do Rio Grande do Norte. O laudo declara como se deu a morte do cangaceiro,

- 3. *Que examinan-*
- 4. *do um homem de côr branca, ES-*
- 5. *tatura regular, musculoso, cabellos*
- 6. *pretos e cachiados, encontraram dois feri-*
- 7. *mentos, como de bala, entrando*
- 8. *nas costelas do lado direito, e no es-*
- 9. *querdo a baixo do peito, outro digo*

¹ O Laudo Cadavérico de Pilão Deitado pertence ao acervo do Laboratório de Documentação Histórica – LABORDOC, no Centro de Ensino Superior do Seridó – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó. Valle, J. M. G. (1901) *Laudo Cadavérico de Pilão Deitado*. Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC). UFRN, Campus Caicó.

10. mais dois ferimentos abaixo do pei-
11. to esquerdo buscando as costellas com
12. menos de uma pollegadas de extensão
13. ignorando a profundidade, feitos por
14. instrumentos cortantes e perfuran-
15. te, e parte de uma orelha cortada.²

O exame cadavérico confirmou a morte por perfuração de balas também apontado por Orlando Rodrigues no livro "O fogo da pedra: a saga do ataque da polícia ao bando de Antônio Silvino em Caicó" (2001) em que descreve a cena em detalhes. Os cangaceiros estavam na Fazenda Pedreira a convite do Coronel Janúncio Nóbrega que casava sua filha, alguns no alpendre, inclusive o chefe do bando Antônio Silvino, outros já festejando com dança e bebida, e alguns no terreiro em frente à casa grande. Um deles era Pilão Deitado que estava descarnando um boi que seria assado e servido aos convidados. De repente a força policial da Paraíba, que vinha no encalço dos cangaceiros, iniciou o ataque, sendo Pilão Deitado o primeiro a ser atingido mortalmente. Antônio Silvino ainda conseguiu desferir alguns tiros matando um dos policiais. O bando conseguiu escapar, mas Pilão Deitado permaneceu estendido no chão, até os policiais de Caicó chegarem para transladar o corpo até a residência do delegado localizada no centro urbano da cidade.

Findava-se a vida no plano terreno de um dos mais conhecidos cangaceiros, também noticiada 11 anos depois no *Jornal Pequeno* da cidade do Recife em 18 de novembro de 1912 em matéria intitulada "No Rio Grande do Norte: Antônio Silvino e o Major Miguel Seabra" em que Thomé Gibson relata as relações amistosas entre o cangaceiro e o chefe policial de São Miguel de Jucurutú. Ao descrever as passagens de Antônio Silvino pela região conhecida atualmente como Seridó Potiguar a morte de Pilão Deitado é citada.

*Silvino, anda por 14 annos, passando na Fazenda Pedreira, município de Caicó, no mesmo dia em que, nessa fazenda, casava-se com uma cunhada minha, o Coronel Santa Rosa, travou renhido tiroteio com uma força parahybana, de um encontro que o accaso determinou. Foi nesse fogo, em que ambas as partes se empenharam com energia e calor, que resultou a morte do conhecido faccinora Pilão Deitado.*³

As notícias sobre Pilão Deitado remontam a 1899, quando o *Jornal A União*, órgão do Partido Republicano da Paraíba, em sua primeira página, datada de 25 de março de 1899, destaca os ataques de grupos de cangaceiros em Itabaiana, no estado de Sergipe.⁴ Neste período as forças policiais da cidade estavam reduzidas ainda como reflexo da Guerra de Canudos. Neste sentido, e por conta dos perigos oferecidos pelos cangaceiros, foi preciso

² Valle, J. M. G. (1901). *Lauda Cadavérico de Pilão Deitado*. Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC). UFRN, Campus Caicó.

³ No Rio Grande do Norte: Antônio Silvino e o Major Miguel Seabra. (1912, 18 de novembro). *Jornal Pequeno*, p. 3.

⁴ Os cangasseiros ou a politica do bacamarte. (1899, 25 de março). *A União – Orgam do Partido Republicano Federal do Estado da Parahyba*, p. 1-2.

aumentar o contingente que realizava diligências em busca de Manoel Baptista, Pilão Deitado e outros pertencentes ao bando de Antônio Silvino. Estas operações se mostraram improficuas.

Como os cangaceiros pararam de atacar a cidade, parte da força policial que dava apoio aos locais, foram devolvidos aos seus destacamentos, acreditando-se que a paz havia sido restabelecida.

No mesmo jornal, na página dois, lê-se que a rotina de ataques foi retomada

*Cerca de 30 dias, mais ou menos apoz a redução do destacamento, foi a villa inesperadamente atacada por um grupo de 18 a 22 bandidos, tendo como chefes Baptista, Pilão, etc [...] Dias depois houve igual investida ao districto do Salgado que como o termo do Ingá, pertence a comarca de Itabayanna.*⁵

Pilão Deitado voltou a ser citado pelo *Jornal Pequeno* da cidade de Recife, estado de Pernambuco, no dia 21 de junho de 1900, destacando sua amizade com o proprietário de um estabelecimento comercial que era fachada para realização e jogos de azar e jogatinas em geral. Manoel Ferreira da Silva, inclusive usava sua amizade com o cangaceiro para amedrontar a população local. O jornal pede providências ao governador sobre o que estava acontecendo no povoado Salgadinho, pertencente ao município de Bom Jardim, no estado de Pernambuco.

*Informam-nos que alli, aboletou-se ha algum tempo o individuo Manoel Ferreira da Silva, improvisado mercador, com uma loja armada para melhor garantir a jogatina a que se accupa que trazem desassocego a localidade ameaçando os habitantes com a próxima chegada, alli a seo convite, do cangaceiro "Pilão deitado" um dos maioraes da celebre malta do Ingá da Parahyba (...) Em companhia de Manoel Ferreira, todo o tempo em que não se encontra força policial em Salgadinho, Barbosa campeia no povoado espalhando com o amigo o terror na promessa do proximo apparecimento do seu afeiçãoado "Pilão deitado".*⁶

Mesmo após sua morte em 1901, o nome Pilão Deitado passou a ser adotado por outros cangaceiros, uma das táticas dos bandos para enganar e confundir as forças policiais, mas também por pessoas que não pertenciam ao cangaço e dadas como desordeiras. Como exemplo, vale lembrar que o *Jornal A Província* em 21 de outubro de 1903 noticiou, a pedido, o assassinato de um homem que de alguma forma estaria ligada a um sujeito de nome Pilão Deitado.

Há 2 annos, pouco mais ou menos, deram-se diversos assassinatos na Estrada Nova do Caxanga, inclusive do infeliz João Maciel, homem inoffencivo e pai de familia. Algum tempo antes haviam chegado a um dos ranchos d'alli dous ladrões de cavallo, um d'elles conhecido pelo nome de Pilão deitado, confiados na protecção de ouyro individuo de nome Martins, morador na Torre, e de conducta duvidosa. Tendo sciencia destes hospedes alli, o sr. Pedro Delfino, tomou providencias no sentido de prender os ladrões, o que não se effectuou, censurando na occasião e com aspereza o mesmo Martins. Este por sua vez,

⁵ Idem.

⁶ Providencias. (1900, 21 de junho). *Jornal Pequeno*, Recife, p. 1.

*convenceu-se que o infeliz Maciel tivesse denunciado a chegada dos ladrões e disse a algumas pessoas que o denunciante merecia uma facada. Effectivamente, depois de semelhantes ameaças, foi victima, de uma punhalada o infeliz Maciel.*⁷

No *Jornal do Recife*, datado de 19 de junho de 1909, destaca-se a prisão “a ordem do subdelegado do distrito de Encruzilhada, Amaro Severino da Silva, vulgo Pilão Deitado, e Francisco José da Silva, por alcunha Carioca, como desordeiros e por offensas a moral pública”.⁸ Anteriormente, o mesmo jornal noticiou nos dias 02 de setembro de 1908; 23 de abril e 03 de junho de 1909, a prisão do mesmo Pilão Deitado por ser “gatuno”, ou seja, ladrão. Percebe-se que o tempo de detenção era muito curto, levando o citado a praticar novos e recorrentes crimes.⁹

Em 1912, no *Jornal do Recife*, datado de 23 de fevereiro, mais uma prisão de outro indivíduo que se identificava como Pilão Deitado. Ele e mais outros homens foram presos na Serra do Vento, pertencente ao município de Brejo da Mãe de Deus, estado de Pernambuco.

*Com a presença do presidente e secretário de Tiro de Bello Jardim, não fizeram resistência, entregando-se á prisão, excepto um que pretendeu desobedecer a ordem. João Vieira da Silva, vulgo Pilão deitado, que foi finalmente preso a um quarto de legoa de distância da feira onde os demais foram capturados.*¹⁰

O mesmo jornal afirma que Pilão Deitado foi preso portando “duzentas e sessenta balas, um punhal, e um rifle, e algum dinheiro”.¹¹

Já o *Jornal Pequeno*, datado de 23 de fevereiro de 1912, destaca uma entrevista com aquele que foi chamado de Pilão Deitado nesta prisão em Bello Jardim. O mesmo afirma com veemência que se chamava Antônio Leite e que não utiliza a alcunha de Pilão Deitado. Da mesma forma não pertencia ao bando de Antônio Silvino e sim do cangaceiro Dr. Augusto Santa Cruz.¹²

Em 1914 novamente mais um Pilão Deitado é citado no *Jornal Pequeno* no dia 19 de novembro, tendo como nome João Santos, também preso por ser um “gatuno” por ordem do subdelegado de Pombal, na Paraíba.¹³

O *Jornal do Recife* noticiou em 21 de julho de 1918 a soltura de vários criminosos da Casa de Detenção de Recife. O que surpreende é que neste caso a alcunha de Pilão Deitado foi utilizado por uma mulher chamada Maria Cândida.¹⁴

⁷ Pedem que a publiquemos. (1903, 21 de outubro). *A Província*, p. 1.

⁸ Repartição Central da Polícia do estado de Pernambuco em 18 de junho de 1909. (1909, 19 de junho). *Jornal do Recife*, p. 4.

⁹ Repartição Central da Polícia do estado de Pernambuco em 1 de setembro de 1908. (1908, 2 de setembro). *Jornal do Recife*, p. 2; Repartição Central da Polícia do estado de Pernambuco em 22 de abril de 1909. (1909, 23 de abril). *Jornal do Recife*, p. 2; Repartição Central da Polícia do estado de Pernambuco em 02 de junho de 1909. (1909, 3 de junho) *Jornal do Recife*, p. 2.

¹⁰ Cangaceiros. (1912, 23 de fevereiro). *Jornal do Recife*, p. 2.

¹¹ Idem, p. 2.

¹² Idem, p. 3.

¹³ Providências. (1900, 21 de junho). *Jornal Pequeno*, p. 1.

¹⁴ Da Casa de Detenção tiveram liberdade. (1918, 21 de julho). *Jornal do Recife*, p. 3.

Na década de 30 do século passado novamente Pilão Deitado voltou a ser citado em matéria policial. A matéria intitulava-se “Um crime de morte e ferimentos na Casa de Detenção” e descrevia o desentendimento de Urbano Gomes da Silva no dia 31 de agosto de 1931 com outros dois detentos. O primeiro era acusado pelos demais por proferir palavras infamantes contra eles e armados com objetos cortantes da sapataria e alfaiataria em que atuavam, foram em direção a Pilão Deitado e após discussão o feriram. Este, por sua vez, conseguiu escapar e se dirigiu a cozinha e armado com uma faca matou um de seus perseguidores conhecido como Pirulito. Os policiais intervieram e os sobreviventes foram levados para suas celas. A matéria ainda informa que Pilão Deitado “Urbano Gomes da Silva, o criminoso, estava comndenado á pena de 29 annos e nove mezes, por haver assassinado á mulher Izabel Marcelina da Conceição, fato occorrido em Casa Amarella”.¹⁵

A utilização do nome de Pilão Deitado pela imprensa ia além dos relatos de prisões, indo às metáforas e comparações para exemplificar e endurecer críticas políticas regionais e nacionais. Assim ocorreu no *Jornal Pequeno* em matéria intitulada “O diabo em férias” assinada pelo jornalista Melchiades Montenegro em 12 de fevereiro de 1946 em que criticava o político, promotor de direito e geógrafo, Agamenon Magalhães. Denominado de “pau deitado” o jornalista cita que é corrente em Recife e em todo o estado de Pernambuco a comparação entre “Pau Deitado” e Pilão Deitado”, dando a este último mais crédito que ao primeiro.

*No meu tempo de menino ouvia ler, nos folhetos de Leandro Gomes, as histórias de um companheiro de Antônio Silvino, que tinha no cangaço do nordeste o nome de guerra de – Pilão deitado. Entre os dois “deitados”, o antigo e o moderno, aquele leva superioridade sôbre êste. Pelo menos agia arrostando as consequências de seus atos, em imunidades e sem abusos de poder público. Imprimia á sua vida de delinquente o cunho da personalidade. Além disso, o companheiro de Antônio Silvino, como qualquer cangaceiro, nunca usou das armas tôrpes da calúnia.*¹⁶

Em 1979 o nome Pilão Deitado ressurgiu, agora não mais nas páginas policiais e políticas, mas ligado a cultura, e isso foi noticiado pelo jornal *Diário de Pernambuco* em 12 de fevereiro ao citar um LP, lançado no mesmo ano, do instrumentista e maestro Lourival de Oliveira, intitulado “Os Cabras de Lampião no Frevo” em que uma das faixas era intitulada de “Pilão Deitado”, composição de 1966.¹⁷ Aqui o autor já identificou Pilão Deitado no bando de Lampião e não de Antônio Silvino, seu grupo original.

Os cordéis e Pilão Deitado

A memória associada a Pilão Deitado é também verificada na publicação de folhetos de cordel, gênero literário brasileiro, nordestino, sertanejo. Através de sextilhas, sétimas, oitavas e décimas os poetas cordelistas contam histórias com rígidas regras de metrificação e rima.

¹⁵ Um crime de morte e ferimentos na Casa de Detenção. (1931, 31 de agosto). *Jornal do Recife*, p. 2.

¹⁶ O diabo em férias. (1946, 12 de fevereiro). *Jornal Pequeno*, p. 6.

¹⁷ Os Cabras de Lampião no Frevo. (1979, 12 de fevereiro). *Diário de Pernambuco*, p. 8.

“Cordelistas são produtores atentos aos assuntos que fazem parte do universo de seus leitores, de modo que é possível entendermos determinados grupos sociais pela poesia cordeliana, visto que a intenção do poeta é agradar e vender seus folhetos aos que estão próximos dele” (Andrade Junior, 2017, p. 417).

Um dos temas mais explorados pelos cordelistas é o cangaço e a história de seus cangaceiros. Centenas de folhetos foram escritos, impressos e vendidos em feiras durante toda a existência do cangaço. O cordel era o jornal que anunciava as novidades e consolidava personagens do universo do sertão nordestino: Lampião,¹⁸ Padre Cícero,¹⁹ Frei Damião²⁰ e uma infinidade de cangaceiros, sendo estas histórias carregadas de fatos reais e fantasias.

No cordel, o cangaceiro é o herói por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino. Nas obras cordelianas contemporâneas. É visto como o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro cavaleiro do sertão (Curran, 2009, pp. 61-62).

Um dos mais famosos cordéis é “A chegada de Lampeão no inferno” de José Pacheco.²¹ O folheto narra a saga e a confusão ocorrida com a chegada de Lampião no inferno, sendo inclusive rejeitado pelo próprio Diabo e os demais moradores do lugar, tal a sua fama de criminoso e desalmado. Já na primeira estrofe observamos que é Pilão Deitado que vai dar a notícia a seu chefe da chegada do cangaceiro. Vale destacar que o autor nos informa que o cangaceiro pertencia ao bando de Lampião, algo compreensível por dois aspectos. O primeiro, por ser algo comum no cangaço, os nomes serem incorporados a outros sujeitos a partir de sua morte. O segundo, deve-se a fama de Lampião e as notícias que contavam sobre Pilão Deitado. Não poderia ser outro para dar a notícia e estar no inferno do que um a altura do maior cangaceiro do sertão.

*Um cabra de lampeão
de nome Pilão Deitado
que morreu numa trincheira
num certo tempo passado
agora pelo sertão*

*anda correndo visão
fazendo malassombrado*

*E foi quem trouxe a notícia
Que viu lampeão chegar
O inferno nesse dia
Faltou pouco pra virar
Incendiou-se o mercado
Morreu tanto cão queimado*

¹⁸ Para saber mais: Mello (2023).

¹⁹ Para saber mais: Neto, Lira (2009).

²⁰ Para saber mais: Lira, Ana Lúcia (2025).

²¹ Pacheco. J. (s./d.). *A chegada de Lampeão no inferno*. Editora do autor. [Cordel].

*Que faz pena até contar.*²²

Outro detalhe deste folheto em sua primeira estrofe é nos informar que Pilão Deitado não está apenas no mundo dos mortos, mas que continua comparecendo no mundo dos vivos, fazendo assombrações pelos sertões. Pilão Deitado atravessa fronteiras e se mantém vivo em suas andanças, mesmo após sua morte, pelos espaços que percorreu em vida. Continua sendo cangaceiro, com a diferença de ser um morto que teima em ser um não morto.

Outro conhecido cordel foi escrito por Alexandre José Felipe Cavalcanti D'Albuquerque Saboia Dilla intitulado "O cangaceiro Pilão Deitado e a onça misteriosa".²³ Nele o autor narra a conversa de Pilão Deitado com sua parente Santana das Porteiras que alertava o cangaceiro de uma onça mal-assombrada e de tamanho monstruoso que acatava num sítio que ficava entre Santa Maria e Surubim no estado de Pernambuco, caminho que faria Pilão Deitado saindo da Paraíba. O cangaceiro logo duvida desta assombrança, dizendo que não passavam de brincadeiras. Mas no caminho apontado pela mulher, Pilão Deitado se viu diante da onça de três ventas que logo o atacou segurando seu punhal. Após uma luta feroz, o cangaceiro vence a luta apunhalando a onça no coração. Ele parte, mas decide voltar para pegar o punhal para provar o que tinha ocorrido, mas a onça e o sangue já não estavam mais no local.

*Nas areias Manda-saia
Todo mistério acabou
A onça misteriosa
Para o além voltou
Sem assombrar mais ninguém
O local na paz ficou*

*Antonio Pilão Deitado
Disse agora eu acredito
Nos mistérios da natura
Que pode fazer bonito
Misticismo se explica
Pertence ao infinito.*

*Deus fez o mundo composto
Tem o que se procurar
Não duvido mais de nada
Basta eu acreditar
E quem duvidar de mim
Se ponha no meu lugar.*²⁴

Neste cordel de Dilla, Pilão Deitado além de duvidar de uma assombrança torna-se seu algoz, mandando a mesma para o infinito, tornando-se herói. No folheto de Pacheco (s/d.), Pilão Deitado é a própria assombrança. Daí a força do verso de Dilla ao afirmar que "Deus fez

²² Idem, p. 1.

²³ Dilla, A. J. F. C. A. S. (s./d.). *O cangaceiro Pilão Deitado e a onça misteriosa*. Gráfica Felipe Saboia. [Cordel].

²⁴ Idem, p. 8.

o mundo composto”,²⁵ ou seja, um mundo com uma complexidade que vai além do viver e morrer. Os campos dos vivos e dos mortos entrecruzam-se e estes últimos podem estar lá e cá. Obstar-se em não morrer simplesmente é a premissa de muitos que ultrapassam barreiras e criam pontes entre o mundo dos mortos e o mundo terreno.

Ainda citando o cordel de Dilla, o autor nos dá características e até local de nascimento e nome de batismo de Pilão Deitado.

*Apolo disse em Paraíba
Pilão Deitadi nasceu
Na Fazenda Massapê
Seus dias floresceu
Antonio Batista de Moraes
Este é o batismo seu*

*Sendo por parte de pai
Primeiro irmão de Silvino
Vingou o seu genitor
Com Manoel tomou destino
Nesse grupo de cangaço
Manoel ainda menino*

*Antonio era moreno
Altura um metro e 80
Tipo todo abaracado
Voz calma e não violenta
Tinha o cangote quadrado
Meio achatado na venta*

*Usava 2 Riunas
Sendo em favor do vento
Garantia 50 braças
Cada tito violento
Pilão estando zangado
Não perdoava o momento.²⁶*

Esta descrição de Dilla nos ajuda a compor as feições de Pilão Deitado, juntamente com as informações contidas no laudo cadavérico de 1901.

Vários outros cordéis citam Pilão Deitado, tanto no bando de Antonio Silvino, que realmente foi seu bando e nele morreu, como no bando de Lampião, já citado anteriormente, e de Corisco.²⁷

Leandro Gomes de Barros, considerado por diversos pesquisadores (Curran, 2011; Haurélio, 2010; Luciano, 2012), o pai do cordel brasileiro e mais importante cordelista entre todos, escreveu pelo menos dois folhetos em que cita Pilão Deitado. O primeiro, “Antonio Silvino o rei dos cangaçeiros”, em que Silvino fala de suas perdas.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem, pp. 1-2.

²⁷ Corisco assumiu a liderança do grupo de Lampião após sua morte em 1938. Também conhecido como “Diabo Loiro” percorreu os sertões por mais dois anos até sua morte em 1940 na Bahia. Para saber mais: IRMÃO (2022).

*Tive nos meus cangaceiros
Um prejuízo danado
Primeiro foi Rio-Preto,
Segundo Pilão-Deitado,
Os homens mais destemidos
Que tinham me acompanhado.²⁸*

O segundo intitulado “As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade”, fala sobre a morte do cangaceiro Tempestade e cita outros de seu bando que também já haviam sido mortos.

*Tive muitos cangaceiros
Que quando os tinha ao meu lado,
Como bem, elle e Relâmpago
João Velho e Joaquim do Gado,
Eu ia até assentar
Para poder escutar
Os tiros de Pilão Deitado.²⁹*

Retomando a morte de Pilão Deitado, José Medeiros Lacerda em seu cordel “Antonio Silvino” da série “Cangaceiros – volume VIII” cita as invasões de Silvino e a morte de Pilão Deitado.

*Esse foi um cangaceiro
Conhecido no sertão
No vale do Sabugi
Gerou muita confusão
Queimou até moradia
Aqui em Santa Luzia
E toda essa região.*

*Em nossa povoação
Chegou com sua cabroeira
Já vinha do Rio Grande
Lá da Fazenda Pedreira
Onde deixou baleado
O cabra Pilão Deitado
E um soldado da fileira.³⁰*

Gonçalo Ferreira da Silva em seu cordel “Corisco, o sucessor de Lampião” tece duras críticas ao cangaço por sua extrema violência e verticaliza seus questionamentos para a figura de Corisco. Este cita diversos cangaceiros que eram remanescentes do bando de Lampião e novos que haviam se agregado ao seu grupo. Novamente percebemos que outro cangaceiro havia adotado o nome de Pilão Deitado, morto 21 anos antes de Lampião se tornar líder de seu bando, que anteriormente era chefiado por Sinhô Pereira.

Tibério, Miudo, Elétrico,

²⁸ Barros, L. G. (s./d.a). *Antonio Silvino o rei dos cangaceiros*. Typ. Perseverança. [Cordel], p. 8.

²⁹ Barros, L. G. (s./d.b). *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade*. Edição do autor. [Cordel], p.1.

³⁰ Lacerda, J. M. (s./d.). *Antonio Silvino*. Edição do autor. [Cordel]

*Deus-te-Guie, Demudado,
Sabonete, Pinto Cego,
Brando e Pilão Deitado,
Fumaça e Arvoredo,
Veado Manso e Dotado.*³¹

Pilão Deitado, o cangaço e as religiosidades

Pilão Deitado compôs a paisagem dos sertões nordestinos, sobretudo em relação ao cangaço e suas diversas formações e temporalidades. O cangaceiro que foi morto na Fazenda Pedreira em Caicó/RN, nunca deixou de existir, inclusive deixando o mundo dos mortos para adentrar o mundo dos vivos. Pilão Deitado como tantos outros mestres da Jurema Sagrada e das Umbandas, teimam em não abandonar este mundo terreno. Experimentam uma não-morte e nos fazem caminhar por uma flexibilidade do tempo/espço. Pilão Deitado hoje é um dos mais importantes mestres do panteão da Jurema Sagrada.³² Assim, ele cruza as fronteiras da vida e da morte.

O cangaço em todas as suas formas de organização esteve ligado a uma religiosidade que caminhava entre a oficialidade e o não oficial. O catolicismo era parte constituinte de suas práticas religiosas. Talvez um dos casos mais conhecidos foi a devoção de Lampião por Santa Luzia, de Chico Jararaca³³ por São Sebastião, entre tantas outras. Um dos episódios mais marcantes do cangaço foi o encontro de Lampião com Padre Cícero em Juazeiro do Norte/CE em 1926, em que este deu ao cangaceiro o título extraoficial de Capitão, para liderar uma das tropas do Batalhão Patriótico que combateria a Coluna Prestes. Lampião e os 49 cangaceiros que o acompanhavam ficaram de joelhos e submissos ao padre que além de conceder o título também criticou a violência impetrada pelo bando (Neto, 2009, pp. 463-480).

Outros aspectos ligados à religiosidade dos cangaceiros estão na crença do involtamento, ou seja, se tornar um vulto ou desaparecer para não ser preso pelas forças públicas. Isto se dava através de orações, principalmente para São Miguel.

*Em nome da Divina Presença, invoco aqui e agora o Manto da Invisibilidade de Arcanjo Miguel, para que eu seja preenchido com uma proteção extra contra todo e qualquer mal. Arcanjo Miguel e Legiões de Luz: coloca sobre mim o Manto Sagrado de Proteção, tornando-me invisível a todo e qualquer mal, em todos os tempos. Determino que o Manto da Invisibilidade permaneça ativado ao longo de todo o dia e durante toda a noite. Amém, Amém, Amém e Amém!*³⁴

³¹ Silva, G. F. (s./d.). *Corisco, o sucessor de Lampião*. Editora da Ralp. [Cordell], p. 19.

³² Religião mediúnica nascida nos sertões nordestinos que possui elementos da toré dos povos indígenas, da Umbanda, do candomblé e do catolicismo. Para saber mais: Salles (2010); Assunção (2006); Cascudo (1978).

³³ Francisco Nicácio Sobrinho entrou para o grupo do cangaceiro Antônio Silvino em 1911 na cidade de Serra Negra do Norte/RN, recebendo o nome de Chico Jararaca, permanecendo no grupo por alguns anos. Morreu em 1984 em Caicó/RN. Para saber mais: Lyra (2003).

³⁴ Oração cedida em entrevista com o historiador e memorialista Adauto Guerra em 26 de março de 2016, Caicó/RN.

Outra prática comum entre os cangaceiros era a utilização de rezas e amuletos (medalhas de santos, bentinhos, terços e escapulários) para manter seu corpo fechado, ou seja, não ser atingido pelas balas dos inimigos. Há relatos de que cangaceiros pagavam mulheres para irem as igrejas roubarem hóstias benzidas que também serviam para fechar seus corpos. Todas estas práticas de fechamento do corpo, fazia dos cangaceiros “homens impermeáveis aos valores dos outros, se colocavam ao abrigo das influências nefastas: mau-olhado, traições, emboscadas” (Rocha, 2015, p. 133).

O que desejamos elaborar sobre o cangaço, movimento vivido por Pilão Deitado, não era apenas um punhado de homens e depois mulheres que lutavam contra as injustiças ou por vinganças pessoais, “estes homens tinham forçosamente que ser revoltados. Sem terra, sem ocupação certa, a mais brutal exploração de seu trabalho, revoltar-se-iam qualquer que fosse a dosagem de seu sangue, sua origem racial, o meio físico que atuasse sobre seu organismo” (Facó, 1983, p. 40). Estes homens e mulheres, de carne e osso, também experimentaram vivências com o sagrado, crendo nos santos e santas, em rezas milagrosas, em amuletos, em possessão, esta última para eles era perigosa e amedrontadora.

Os cangaceiros fazem frequentemente alusão ao sentimento de serem possuídos por forças ocultas. O encosto, forma de possessão popular, remete-nos à perda de autonomia e de liberdade, reenviando-nos às pressões sociais. A possessão é o outro dentro de mim, aquele que me violenta e invade” (Rocha, 2015, p. 134).

Pilão Deitado, por estar inserido no universo do cangaço, deve ter sentido estas mesmas sensações em relação ao oculto. Após sua morte se apoderará, através da incorporação, de outro indivíduo – o médium, o juremeiro. É desta forma que Pilão Deitado manterá sua não-morte.

Jurema Sagrada, seus mestres e a não-morte

Tanto a Jurema Sagrada como as Umbandas existem por conta de suas entidades e mestres, seres desencarnados que voltam ao mundo dos vivos através da incorporação de um médium que emprestará seu corpo para que a entidade possa se comunicar com os vivos (Cumino, 2016). Há neste jogo uma interdependência entre espírito e médium, necessitando de uma relação de confiança entre eles. Também podemos pensar num tempo flexível, no que tange as giras em que as entidades se manifestam estarem no presente, mas os espíritos que se apresentam são do passado, viveram em outro tempo. Isso é muito perceptível na linguagem das entidades, utilizando termos que na atualidade já não são mais reconhecidos.

Nas Umbandas temos um panteão de entidades espirituais que carregam arquétipos identificadores de uma origem reconhecível pelos consulentes. Neste sentido, observamos os caboclos (indígenas), pretos-velhos (negros e negras que viveram no período da escravidão no Brasil), crianças (seres que desencarnaram ainda na infância), exus e pomba-giras (homens e mulheres que tiveram vidas controversas e voltam ao mundo terreno para se redimirem, ganharem luz e ajudarem quem os procuram) e essa lista cresce bastante, já que as Umbandas recebem novas entidades constantemente, está sempre em processo. É o caso dos marinhoiros,



boiadeiros, baianos, malandros, sereias, ciganos (as), oguns, povos do oriente, judeus, meninos e meninas de rua. “Suas entidades espirituais cultuadas são espíritos de mortos que constituem categorias genéricas, em que a referência à vida pessoal é substituída por um estereótipo [...] e seus cavalos³⁵ realizam a passagem destas entidades de seu mundo sagrado para o mundo profano dos homens” (Barros, 2012, p. 293).

No caso da Jurema Sagrada, mesmo algumas entidades também pertencerem ao universo das Umbandas (caboclos, pretos-velhos, exus e pomba-giras), ela possui um panteão mais individualizado, ou seja, é possível reconhecer cada personagem, seu local de origem e sua história. Os mestres e mestras, como são conhecidas estas entidades na Jurema, pertencem ao intricado universo em que cidades mágicas são suas moradas e de lá saem para incorporar em juremeiros e juremeiras e realizarem seus trabalhos no mundo terreno.

Os mestres, indiscutivelmente estão nos seus locais de domínio e vivência, ou seja, há uma sensação de pertencimento relacionado ao espaço e a memória. Os mestres são nordestinos, conhecem a linguagem e as sensibilidades inerentes a estes espaços culturalmente construídos e apreendidos, desenvolveram habilidades como manipuladores das ervas locais curativas, consolidando estes mestres como herdeiros de uma tradição, de uma ancestralidade embrenhada na caatinga e ao mesmo tempo que se adaptou as cidades urbanizadas e até cosmopolitas. De qualquer forma, os mestres são do lugar, são pertencentes a uma realidade social e cultural muito específica e são os mantenedores de uma confiança inabalável nos conhecimentos antigos e sua permanência no tempo presente, através de sua inserção neste meio utilizando médiuns dispostos a se colocarem como uma máquina do tempo espiritual, em que o passado é buscado para resolver problemas atuais e contemporâneos muito distantes da realidade vivida por estes mestres quando encarnados. O local prepondera em relação ao universal e ganha força por esta peculiaridade (Andrade Junior, 2018, pp. 245-246).

Essa ideia de estar diretamente ligado ao seu espaço, faz dos mestres e mestras, “entidades cuja personalidade se destacou desta ou daquela forma no social nordestino, marcando a vida de uma localidade em um certo período e, em alguns casos, suas histórias sendo lembradas até hoje pelo povo de sua localidade natal” (Burgos, 2012, pp. 43-44).

Também podemos pensar que pessoas que ainda vivem no mundo terreno, possam após sua morte adentrar este universo da Jurema, sobretudo por conta de seus conhecimentos daquilo que os membros da religião chamam de “ciência da Jurema”, “os mestres, portanto, em sua maioria, são espíritos de pessoas que se destacaram na religião. É possível ainda que um mestre dos nossos dias venha, após sua morte, tornar-se um mestre ‘invisível’, passando a integrar o panteão de uma determinada casa” (Salles, 2010, p. 124).

É importante destacar que os mestres, no caso da Jurema, e as entidades ou guias, nas Umbandas, não ocupam o corpo do médium a força, ou seja, não se trata de uma possessão e sim de um ato de incorporação.

³⁵ Médiuns.

Dessa forma, os guias se aproximam com muito respeito e amor daqueles que serão seus parceiros nesta empreitada mediúnica. Desenvolver a mediunidade é descobrir essa parceria e descobrir como se relacionar de forma tranquila com algo tão complexo, louco ou quase surreal, como a incorporação de outro ser em seu corpo, e ainda compartilhar seus sentimentos e pensamentos com os sentimentos e pensamentos desse outro, que na verdade é um mestre para a vida (Cumino, 2016, p. 43).

O que chama a atenção nesta reflexão de Cumino (2016) é sua afirmação de compartilhamento de sentimentos e pensamentos entre médium e espírito, o que nos leva a entender a mão-morte de determinados sujeitos, já que mesmo depois de mortos eles continuam a vivenciar sensações de quem está vivo e compartilhá-las. Pilão Deitado é exatamente esta personagem que sabemos como foi em vida e depois de morto reaparece em terreiros de Jurema Sagrada de todo o Nordeste sendo aquilo que era em vida, um cangaceiro do bando de Antonio Silvino, morto em 1901. Só que nesta sua nova jornada pela vida, ele se comunica com quem o procura, fazendo o bem e ajudando de diversas formas no mundo terreno.

O mestre Pilão Deitado pode ser encontrado incorporado em seus médiuns/juremeiros em diversas cidades do Nordeste. Podemos citar o Centro Espírita Yemanjá Ogunté em Jardim de Piranhas/RN, a Casa do Juremeiro Pai Wagner em Campina Grande/PB e a Casa do Juremeiro Iran de Pilão Deitado em Solânea/PB. É uma entidade que gosta de cantar e dançar e em alguns casos é bastante introspectiva, como no Centro Espírita Yemanjá Ogunté. De forma geral é comunicativo e está sempre disposto a conversar com os consulentes, contar histórias e proteger seus seguidores.

Estar vivo mesmo tendo morrido

Ir nos espaços que Pilão Deitado se manifesta, observar suas ações, conversar sobre assuntos diversos, e claro, pedir sua proteção, reforça ainda mais a ideia de não-morte. Como pode um morto falar, usar roupas que aprecia, dançar, beber e fumar? De fato, Pilão Deitado, o cangaceiro morreu, mas teima em não abandonar o mundo dos vivos. Esse trânsito que perverte e rompe barreiras nos coloca diante da finitude carnal, mas não da finitude espiritual. O corpo de Pilão Deitado já foi consumido pela terra no Cemitério da Palma em Caicó/RN, mas seu espírito continuou vivendo através de seus médiuns/juremeiros que permitem que ele se faça vivo. O corpo e a mente do médium/juremeiro funcionam como um portal que é aberto em determinados momentos, sobretudo nos dias de ritual, para que Pilão Deitado volte a desfrutar o mundo terreno.

Obviamente que isto não se aplica apenas a Pilão deitado, visto que utilizando o conceito de “Espiritologia” de Adilson Marques (2011) em que o pesquisador pode entrevistar entidades incorporadas e tecer através da problematização das falas, inclusive utilizando os métodos da História Oral, a trajetória de vida até sua morte, bem como interpelar sobre outros assuntos atinentes a determinada entidade. Para Marques se utilizarmos os conceitos do kardecismo e da metodologia da História Oral, “entendemos os produtos da Espiritologia como informações e dados para pesquisas. Assim do ponto de vista da ciência que estamos

propondo, o que Kardec sistematizou é uma teoria sobre os supostos espíritos e sua ação no mundo material” (Marques, 2011, p. 21). E completa afirmando que “não há qualquer fato moral ou social que não possa ser observado e estudado através da História Oral com os ‘espíritos’” (Marques, 2011, p. 22).

Podemos observar que Marques disponibilizou na plataforma YouTube no canal “homospiritualis” diversas entrevistas e mensagens do espírito Pai Joaquim de Aruanda incorporado no médium Firmino José Leite na cidade de São Carlos/SP entre os anos de 2005 e 2008.³⁶

Livros psicografados não são novidades para os kardecistas, visto os mais de 400 livros psicografados por Chico Xavier, sobretudo pelos espíritos Emmanuel e André Luiz. Já os livros que tratam de entidades das Umbandas e da Jurema Sagrada têm chegado aos leitores a partir dos anos 2000.

Um dos primeiros a trazer mensagens psicografadas de espíritos comumente ligados as Umbandas foi Nelson Pires Filho que através de seu mentor espiritual Mestre Lucius contou a história de Sízio, o “Guardião dos Caminhos” (2000) atualmente conhecido nos terreiros pelo nome de “Tranca Rua” atuando na linha dos Exus.

Outro espírito que transita entre as Umbandas e a Jurema é Zé Pelintra, sendo vários os relatos de suas vidas na terra. Vidas porque ele são vários. Podemos constatar isso em uma de suas histórias contadas

Pelo próprio Pelintra incorporado no médium Mizael Vaz, conhecido umbandista dirigente do Templo de Umbanda Imaculada Conceição do Caboclo Estrela do Norte e de Ogum Rompe Mato na cidade de São Paulo. Este relato psicografado informa que em vida ele se chamava José Porfírio Santiago, nascido em 15 de fevereiro de 1886, às 12 horas de um domingo numa pequena localidade do município de Garanhuns, Estado de Pernambuco (Andrade Junior, 2018, pp. 239).

Após longo relato de sua história, o próprio Zé Pelintra fala sobre sua morte que se deu no dia 09 de março de 1920 na cidade de Alhandra/PB após briga de faca com José Santana dos Anjos, por conta de Creuza. Mesmo sendo esfaqueado e matando seu oponente, José Porfírio Santiago faleceu e assim descreve suas dúvidas sobre o que ocorreu depois. Estava deitado todo ensanguentado ao lado do corpo de Anjos e vendo Creuza colocando sua cabeça em seu colo, desesperada e chorando muito.

Levantei-me confuso e me aproximei da Creuza, enquanto o José de Santana me seguiu apenas com o olhar, também sem nada entender.

– Eu morri? – perguntei espantado com o desfecho daquela briga – Como é possível dois corpos idênticos? Eu não tenho irmão gêmeo.

Aproximei-me da Creuza e quis tocá-la, mas a minha mão passou pelo seu rosto como se eu tentasse pegar fumaça (Santiago & Vaz, 2013, p. 109).

³⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=nrhuuNN1xt8> (Acesso em 07/05/2025)

Atualmente Zé Pelintra é figura constante em terreiros das Umbandas e com menos frequência nos de Jurema. Para os juremeiros, Zé Pelintra já alcançou tanta luz que não há mais tanta necessidade de vir ao mundo dos vivos, no seu lugar normalmente se manifestam seus irmãos espirituais, Zé Felintra e Véio Cego da Boca Serena.

Mais recentemente uma biografia psicografada por Joice Piacente trouxe à tona o universo que foi vivido pelos cangaceiros anteriores ao famoso bando de Lampião. O livro “Zé do Cangaço: um cangaceiro na Umbanda” (2020), conta em detalhes pela própria fala do cangaceiro suas experiências no sertão e as agruras por ele enfrentadas. Nascido em 1892 no sertão baiano, foi letrado e era de família bem estabelecida, mas nunca quis esta vida de fazenda. Sempre que se aproximava um grupo de cangaceiros era o primeiro a correr em sua direção. Não demorou muito e o menino partiu com um bando para nunca mais voltar. Viveu apenas 29 anos e segundo o próprio, morreu de solidão e do corpo maltratado nas batalhas.

Arrependo não! Serviu-me de sabedoria para fazer o que faço agora com a permissão. Arrependo não da determinação que aprendi a ter, não desisto nunca até conseguir. Arrependo sim das vidas que tirei, mas algumas já encaminhei e outras ainda o farei, sempre com a permissão e ajuda de meus camaradas, se assim for pro meu Senhor (Cangaço & Piacente, 2020, p. 29).

Segundo José Porfírio Santiago, o Zé Pelintra, anteriormente citado “a morte existe apenas para a matéria, enquanto o espírito não morre, vive para a vida eterna” (Santiago & Vaz, 2013, p. 122).

É neste sentido que Pilão Deitado ultrapassa as convenções que separam a vida da morte. Como qualquer outro espírito desencarnado, Pilão Deitado nos coloca diante da não-morte, do querer permanecer e se relacionar com o mundo que já foi o seu e que na verdade continua sendo. O que o diferencia de nós, vivos, é que ele pode estar lá e cá, construindo territórios míticos e sagrados no mundo dos mortos e dos vivos. Nós temos que nos contentar com o nosso e esperar que após nossa morte possamos também fazer este trânsito. As entidades espirituais ou mestres e mestras, como Pilão Deitado, permanecem vivos, utilizando uma infinidade de artefatos e elementos do mundo material para consagrarem suas presenças no mundo terreno. O cachimbo e sua fumaça ritualística, sua roupa enfeitada, suas guias (colares, também chamados de contas), suas bebidas alcoólicas preferidas, dão materialidade a seus corpos, através de seus médiuns, e reafirmam sua permanência mesmo após a morte no mundo dos vivos. A não-morte é por nós experienciada de diversas maneiras quando visitamos um terreiro e nos deparamos com estes seres que exigem ser reconhecidos e respeitados. Conversar com Pilão Deitado é ter a sensação de entrar numa máquina do tempo e por alguns instantes viver o cangaço do final do século XIX e início do XX. Ouvir seus conselhos ou apenas suas histórias é sentir o tempo em suas mãos, como se fosse possível estar na contemporaneidade e também num passado distante. Só quem experencia estes momentos entende a dimensão e sua força para entendermos as permanências e a não-morte.

Os pontos cantados e a confirmação da não-morte



As sensibilidades que encontramos nos terreiros de Jurema Sagrada, numa relação direta entre o terreno e o sobrenatural, é a forma como os médiuns convocam os mestres e as mestras, através dos pontos cantados. Estas canções, acompanhadas por atabaques e maracás, são entoadas como forma de chamar estes espíritos para o mundo terreno e incorporarem em seus médiuns. Também os pontos são cantados em sinal de respeito e homenagem a estes desencarnados, já que deixam o mundo dos mortos para dialogar e ajudar no mundo dos vivos. A sua não-morte é vivenciada deste a entoação dos pontos, a incorporação, as conversas e a desincorporação. Para os assistentes é neste momento que os dois mundos se unem num só e o tempo se apresenta no agora, mesmo que com personagens do passado. Para os médiuns esta relação com suas entidades espirituais é constante e não se dá apenas no ato da incorporação. É uma espiritualidade praticada no dia-a-dia.

Sendo Pilão Deitado um dos mestres da Jurema mais conhecidos, são muitos os pontos que demarcam sua existência e sua presença. Uns retomam sua vida de cangaceiro, inclusive dando nome a ele e mostrando como os seus poderes são permanentes e duradouros.

*Eu vou à cidade do mestre
eu vou que a cidade chamou
eu vou à cidade do mestre
Com pisa pilão meu pilão deitou*

*Eu vou à cidade do mestre
eu vou à cidade real
Eu vou à cidade do mestre
com Pilão-Deitado eu vou triunfar*

*Chico Braga não morreu
Eu vou dar parte ao delegado
Eu vou chamar a força volante
Para prender a Pilão-Deitado
Pisa pisa meu Pilão
O meu Pilão deitou (Burgos, 2012, p.129)*

Neste ponto, Pilão Deitado é chamado de Chico Braga, e com a sua não-morte provoca-se o grupo perseguidor de cangaceiros, a volante, para prender o mesmo, sabendo que seria impossível, já que agora ele não está mais visível no mundo terreno e pertencente a uma cidade encantada. Por isso é necessário chamá-lo novamente para o mundo dos vivos.

*Um dois três quatro cinco seis
Eu pisei na macumba
Quebrei a panela de uma vez
Um dois três, cuidado muito cuidado
O meu serviço está na gira
Eu vou chamar Pilão-Deitado (Burgos, 2012, pp. 129-130).*

Aqui denota-se no ponto que Pilão Deitado está na gira (local do ritual de Jurema) para proteger quem dela faz parte. Quebrar a panela e pisar na macumba dá a noção que os que ali se fazem presentes estão prontos para qualquer trabalho, inclusive vencer demandas

feitas para prejudicá-los, e para isso ser confirmado e mostrar o poder do lugar, Pilão Deitado é convocado.

*O meu Pilão tem duas bocas
E trabalha pelos dois lados
Na hora dos aperreios
Valei-me meu Pilão-Deitado (Burgos, 2012, p. 130).*

Os poderes de Pilão Deitado são renovados em cada ponto cantado para ele. Vencer demandas coletivas e até mesmo “aperreios” individuais tem no mestre apoio. Ele se faz presente quando acionado nas giras e como diz o ponto acima, ele trabalha pelos dois lados, ou seja, fazendo o bem e sendo obrigado a fazer o mal no que tange a devolver para quem enviou demanda ou “feitiço” aos seus médiuns que são considerados por ele como filhos e filhas.

*Das sete telhas para cima quem manda é Nosso Senhor
Das sete telhas para baixo quem manda é Pilão Deitado.³⁷*

A parte inicial deste ponto demonstra mais uma vez o poder dado a Pilão Deitado por seus seguidores. Na referência fica demonstrado que Jesus (Nosso Senhor) manda no mundo sobrenatural, no Céu cristão, no Orum dos Candomblés, na Aruanda das Umbandas, nas Cidades Encantadas da Jurema Sagrada. Mas no mundo terreno quem tem este poder é Pilão Deitado. Este ponto reafirma de forma contundente que Pilão Deitado continua vivo e atuando no mundo dos vivos e pode interceder quando se fizer necessário.

Considerações finais

Ao final desta jornada de buscas por referências a Pilão Deitado fica a clareza que os mestres e as mestras da Jurema Sagrada, bem como as entidades ou guias das Umbandas e os mentores espirituais no Espiritismo Kardecista, são a confirmação de que a não-morte pode ser experienciada em seus espaços de ritual e nas interlocuções com os médiuns e com os próprios espíritos desencarnados.

Não é apenas uma crença no invisível como comumente observamos da devoção aos santos e santas e ao próprio Cristo, e de forma mais intensa a um Deus que não se apresenta de forma material. Nestas relações com o sagrado, o crente dialoga com estas personagens, mas não há uma troca direta, com toque, uma troca de conversas olho no olho, uma íntima relação de beber no copo e em muitos casos de dançar com elas. Cada um continua em seus lugares sem que se encontrem materialmente no mundo terreno.

Já os espíritos desencarnados, entre eles Pilão Deitado, se materializam no corpo do médium que por algum tempo deixa de ser ele e passa a ser o outro. Este outro, o mestre e a mestra, por exemplo, além de já ter vivido no mundo dos vivos, depois de sua morte, passou a ter conhecimentos do mundo dos mortos e com isso pode interceder em favor de quem os procuram. A ponte sempre está aberta para este ir e vir de lá para cá e vice-versa.

³⁷ Site: https://www.youtube.com/watch?v=HnINr_qykvI&t=40s (Acessado em 09/09/2024)

A não-morte dá a Pilão Deitado poderes imensos e nos coloca diante de dilemas sobre a finitude, já que ela é pervertida por sua teimosia em continuar conosco, com os vivos, e sempre brindar pela oportunidade de transitar entre estes dois mundos.

Referências Bibliográficas

Andrade Junior, L. (2017, julho a dezembro). Dos horrores aos humores: os cemitérios no cordel brasileiro. *Revista M.*, (2) 4, 412-437.

Andrade Junior, L. (2018). Zés Pelintras: do sertão ao terreiro. In E. S. da Silveira & D. S. Sampaio (Org.). *Narrativas Míticas: análise das histórias que as religiões contam*. (1ª ed., 236-263). Editora Vozes.

Assunção, Luiz (2006). *O reino dos mestres: a tradição da Jurema na Umbanda nordestina*. Editora Pallas

Barros, S. C. (2012). As entidades “brasileiras” da Umbanda. In A. C. Isaia & I. A. Manoel (Org.). *Espiritismo & Religiões afro-brasileiras: História e Ciências Sociais*. (1ª ed., 289-317). Editora Unesp.

Burgos, A. (2012). *Jurema Sagrada do nordeste brasileiro a Península Ibérica*. Expressão Gráfica Editora & Laboratório de estudos da Oralidade, UFC.

Cangaço, Z. & Piacente, J. (2020). *Zé do cangaço: um cangaceiro na Umbanda*. Editora Madras.

Cascudo, Luís da Câmara (1978). *Meleagro*. Editora Agir

Cumino, A. (2016). *Médium: incorporação não é possessão*. Editora Madras.

Curran, M. (2009). *Retrato do Brasil em Cordel*. Ateliê Editorial.

Facó, R. (1983). *Cangaceiros e fanáticos*. Civilização Brasileira.

Haurélio, M. (2010). *Breve história da Literatura de Cordel*. Editora Claridade.

Irmão, José Bezerra Lima (2022). *Corisco e Dadá: uma saga de amor, cachaça e sangue*. JM Gráfica.

Lira, Ana Lúcia (2025). *O peregrino da fé: a história de Frei Damião*. Editora Cléofas.

Luciano, A. (2012). *Apontamentos para uma História crítica do Cordel brasileiro*. Edições Adaga.

Lucius, M. & Pires Filho, N. (2000). *O guardião dos caminhos*. Editora Madras.

Lyra, Carlos (2003). *Nunca Matei Ninguém*. Sebo Vermelho Edições.

Marques, A. (2011). *Imaginário, História Oral & Transcendentalismo: mitocrítica dos ensinamentos do espírito Pai Joaquim de Aruanda*. RiMa Editora.

Mello, Frederico Pernambucano de (2023). *Apagando Lampião: vida e morte do Rei do Cangaço*. Global Editora.



Neto, L. (2009). *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. Editora Companhia das Letras.

Rocha, V. F. (2015). *Cangaço: ecos da Literatura e Cinema Nordestinos*. Editora Premium.

Rodrigues, O. (2001). *O fogo da pedra: a saga do ataque da polícia ao bando de Antônio Silvino em Caicó*. Editora Sebo Vermelho.

Salles, S. G. (2010). *A sombra da Jurema Sagrada: mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra*. Editora da UFPE.

Santiago, J. P. & Vaz, M. (2013). *Zé PelWintra: São Dotô, São Dotô! Bravo Sinhô!* Editora Madras.

Recebido em: 11 de setembro de 2024

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2025

